

Alberto C. Cabral\*

## Pandemia, fronteiras e sessões virtuais\*\*

### A cinco dias do ASPO<sup>1</sup>: Skype e estranheza

Estamos vivendo um momento muito particular: um dos seus traços distintivos é que tendemos a transitá-lo em uma atmosfera oníroide. É habitual ouvir o comentário de estar vivendo estes dias de isolamento “como em um sonho”..., quando não como em um pesadelo. A fachada de um cinema de Nova York reproduz nestes dias esse registro compartilhado (ver imagem): “Cinema fechado até que a vida real não seja percebida como um filme”.

Acontece que abandonamos de repente nossas rotinas cotidianas e ainda nos custa que nos reconheçamos em hábitos que, apesar de pertinentes e necessários, restringiram de forma evidente a riqueza e a diversidade dos vínculos e dos cenários que habitamos. Nosso mundo perdeu sua condição *Heimlich* e se tornou bruscamente *Unheimlich*. Sua estranheza nos contagia e tentamos, às cegas, nos readaptar: com certeza vai demorar um tempo até que consigamos isso.

Minha impressão é que o chamado *modelo ótico* desenvolvido por Lacan (1958/2009) pode nos ajudar a captar alguns aspectos da microscopia dessa coação. Não é o momento agora de detalhar suas sutilezas, mas é com a referência implícita que vou tentar, mediante uma analogia, apreender algumas das coordenadas da nossa circunstância atual.

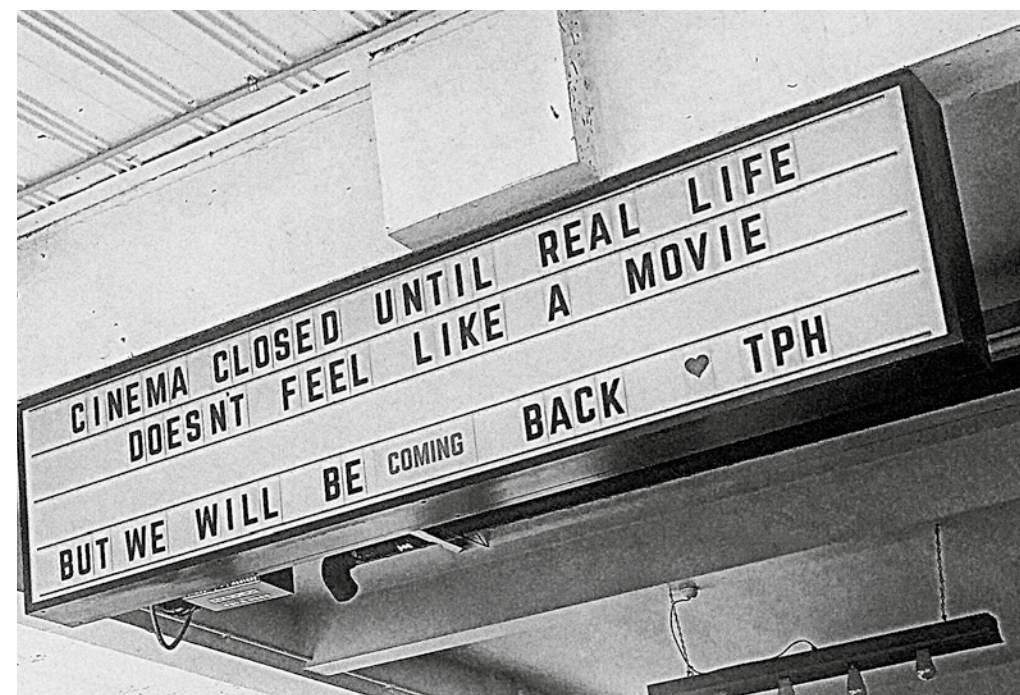
Tudo acontece como se estivéssemos vivendo, *mas em poucos dias*, o terremoto subjetivo que um adolescente *clássico* enfrentava no decorrer de meses –às vezes, anos– inquietantes, nos quais já não conseguia se reconhecer nas rotinas, na imagem, no corpo e nas urgências da criança que havia sido até então.

Nossa situação é análoga, mas ainda mais desfavorável: é que se aproxima mais à do adolescente *atual*. O adolescente *clássico*, pelo contrário, contava com o sustento simbólico de pais e instituições. Já Durkheim, no início do século XX, indi-

\* Asociación Psicoanalítica Argentina.

\*\* A primeira versão deste trabalho foi publicada em *La Época*, Revista Virtual de la Asociación Psicoanalítica Argentina (APA), em um número dedicado à pandemia, após cinco dias de haver sido estabelecido o isolamento social preventivo e obrigatório.

1. Siglas do Isolamento Social Preventivo e Obrigatório, medida promovida pelo governo argentino diante da pandemia.



cou suas limitações, exacerbadas na nossa época, em particular nos setores mais vulneráveis da trama social, mas em linhas gerais suas referências simbólicas o abrigavam e continham, tornando mais vivível do que na atualidade a complexidade do trânsito que tinha pela frente. Se Freud podia dizer que a tarefa central que o adolescente da sua época enfrentava era *se desprender da autoridade parental*, nossos dias somam a complexidade de encarar um desprendimento... quando não houve, em muitos casos, uma *ligação* prévia.

Mas voltemos à analogia. Digamos que nosso cenário sofreu –sem anestesia e em poucos dias, diferentemente do caso do adolescente *clássico* – um corte e um achatamento abruptos, que interferem no desenrolar das rotinas em que nos reconhecemos. Ficou borrada boa parte dos parâmetros cotidianos de trabalho e de vínculo que ofereciam sustento simbólico e sentido à nossa existência: despojados do nosso roteiro habitual, habitamos isso, em graus variáveis, como autômatos.

A este ponto a que chegamos, será conveniente singularizar o *nós* que utilizamos até agora. Com certeza, os analistas – expoentes, em geral, das classes médias dos nossos respectivos países – não conseguimos vislumbrar o desamparo (não só econômico) que supõe, para uma pessoa que trabalha por conta própria, assistir à quebra da sua precária cadeia de trabalho, mesmo quando sabemos, sim, que esse é o impacto que sofre (nas condições impostas pelo ASPO) 40% da força de trabalho – *informal* é sua designação técnica– do nosso país<sup>2</sup>. A coação subjetiva que pode

2. Trata-se da porcentagem estimada de trabalho informal na Argentina, ou seja, do trabalho não registrado oficialmente: não possui previdência social, cobertura de aposentadoria, férias remuneradas nem legislação específica que o ampare.

acarretar a ruptura do laço que nos mantém precariamente ligados ao todo social projeta o desamparo que experimentam em uma escala dificilmente concebível em nosso universo simbólico.

Nossas tribulações como analistas são outras, e não por se situarem para além da insatisfação das necessidades básicas deveriam ser, por isso, minimizadas. É que o mal-estar é uma variável que se sustenta em significações subjetivas, válidas para cada um, e que não responde a parâmetros objetivos e quantificáveis.

Ajustemos então a lente do nosso *zoom*. Somos muitos os colegas que decidimos, nos últimos dias e quase sem passar por uma transição, continuar nosso trabalho por meios virtuais (Skype, Whatsapp). Parece existir uma espécie de convalidação coletiva dessa mudança (a IPA acaba de enviar um tutorial de orientação sobre o tema), que relegou até novo aviso a condição presencial do encontro analítico. Acontece que as medidas de isolamento – que, até não contar com vacinas e tratamentos específicos, constituem a única ferramenta valiosa com que contamos para, pelo menos, amortizar a expansão descontrolada do coronavírus – nos colocaram diante da opção de interromper nossa prática até um amanhã incerto ou explorar novas opções que permitam a sua continuidade.

Acaba sendo interessante cotejar essa resposta rápida aos desafios impostos pelo coronavírus – e, especialmente, a aceitação quase unânime que está obtendo – com as objeções e os questionamentos de muitos colegas frente aos riscos que para eles existia na introdução de modalidades tecnológicas novas que “distorciam” um dispositivo tradicional... cuja observação (uma rotina, ao final) permitia que se reconhecessem como psicanalistas.

Será que, como diz o ditado popular, “a necessidade faz o sapo pular”? Talvez este momento inquietante que atravessamos nos ofereça a possibilidade de reconsiderar, mais livres de caprichos, o que é que determina a especificidade da nossa prática. A resposta espontânea da grande maioria dos nossos colegas parece sugerir que não reside na fidelidade canina a um dispositivo formal, por mais clássico que se veja. Mas uma coisa é consentir uma mudança a partir da convicção de preservar a autenticidade da prática..., e outra é fazer isso com a convicção, amarga e íntima, de que a desvirtuamos, porque só é concebida sob um formato excludente.

Vai ser importante que estejamos atentos a como estamos processando esse desvio do *standard*... em uma prática, para muitos, rebelde à *standardização*. Tenhamos presente a observação de Freud em relação ao juiz libertino que, por efeito de uma formação reativa, pode se converter em severo e implacável no exercício da sua função. Quem, no seu foro íntimo, vive como transgressor pode se converter em um guardião feroz da ortodoxia.

### Fronteiras, analistas-exploradores e heresias

Em um vídeo de divulgação do nosso próximo Congresso (por enquanto adiado) da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), compartilhei algumas das ressonâncias que para mim tinha o eixo escolhido: “Fronteiras”. Insisti no fato de que as regiões de fronteira eram zonas onde “coisas aconteciam”. Enquanto regiões privilegiadas de intercâmbio, através delas passam bens, mercadorias e pessoas. Mas também giros idiomáticos que fazem com que a língua falada nas fronteiras

seja particularmente híbrida..., bem como as pautas culinárias e culturais em geral, que costumam participar de uma mestiçagem geralmente enriquecedora.

As fronteiras configuram também regiões mais desreguladas: apesar dos esforços dos Estados, o braço forte da Justiça não chega com plenitude aos confins, impregnados de um clima transgressor que lhes confere um ar inquietante. É que ali “coisas acontecem”, também, no sentido de que *ocorrem* acontecimentos, menos frequentes em âmbitos *normais*, que os convertem em cenários privilegiados para ficções policiais ou de espionagem.

O caso é que também nossa disciplina possui fronteiras que delimitam sua jurisdição e suas áreas de incumbência. Fronteiras que, se adotarmos um olhar “de águia” (Nietzsche, 1881/2010), estendido ao longo do tempo, demonstram ser tão móveis e mutantes como as estatais. É por isso que o desenvolvimento da nossa disciplina terminou impulsionado, no longo século que registra sua existência, pela convicção entusiasta de analistas que estenderam a prática baseada na associação livre e na atenção flutuante para além das fronteiras consagradas pelo *estado da arte* que foi transmitido por eles.

Isso nos permite pensar que, felizmente, esses analistas-exploradores se beneficiaram de uma transmissão que estimulou neles um espírito inovador e transgressor, que os autorizou a incursionar para além das fronteiras que enquadraram a prática de seus “pais”... preservando, por sua vez, a “diferença específica” (Aristóteles, trad. em 2004) que faz de um diálogo um diálogo propriamente psicanalítico. Sem hesitar no momento de modificar, quando foi necessário, enquadres e modalidades *clássicos* de intervenção para hospedar e conceber respostas às novas demandas que se propunham a responder.

Diríamos que cada um deles pôde modelar uma “equação pessoal” (Ferenczi, 1928/1984) que lhes permitiu habitar de forma criativa, mas rigorosa ao mesmo tempo, o espaço evocado pelo binômio –quase um *oxímoro*– que convocou outro Congresso recente da Fepal: “Tradição-invenção”. E sabemos – isso também é parte da história da nossa disciplina – que cada um deles teve que suportar em seu devido momento, e em maior ou menor grau, as resistências e as desqualificações de um *establishment* sempre mais consagrado a resguardar o que uma tradição pode ter de esclerosante do que a acolher o que uma inovação possa contribuir em desenvolvimento.

Apesar desses obstáculos, a psicanálise entrou – primeiro, timidamente, para depois consolidar sua presença – no trabalho com psicóticos, crianças, casais, grupos, famílias, adições... Minha impressão é que a homologação do uso de dispositivos virtuais para desenvolver nossa prática percorreu, nos anos recentes, um caminho similar, pontuado de imputações de heresia e de resistências análogas às que despertaram, em seu devido momento, as sucessivas extensões das fronteiras iniciais da nossa disciplina.

### A sessão virtual: Especificidade e comparação. Dois emergentes clínicos

Estamos acostumados a nos confrontarmos com as diferenças em termos comparativos, isto é, a avaliar o novo por aquilo que faz com que seja diferente do já conhecido, mas com uma particularidade: temos uma tendência a considerar em

termos pejorativos aquilo que, no novo, é marca de diferença. Ou seja, tendemos a constatar, no que faz com que seja diferente, não tanto a afirmação da sua especificidade, senão sua suposta impotência para se equiparar com o que já é conhecido. Continuamos, nesse sentido, a seguir os passos da criança pequena do relato edípico freudiano, condenada a avaliar a confrontação com o genital feminino e privilegiar o que lhe falta para ser igual ao genital conhecido.

De modo análogo, tendemos também a valorizar as particularidades de um novo dispositivo pelo que carece em relação ao dispositivo com que já estamos familiarizados. Por isso vou compartilhar alguns emergentes clínicos da minha experiência com o uso do Skype nestes tempos de isolamento. Na minha opinião, permitem visibilizar não tanto os déficits do dispositivo, mas sim, pelo contrário, algumas das possibilidades que isso habilita.

X, uma adolescente histérica em análise presencial há aproximadamente um ano, mostra-se a princípio relutante frente à minha oferta de continuar as sessões utilizando Skype. Em uma ligação telefônica, eu lhe digo que compreendo as suas reticências e combinamos que ficaremos em contato, de qualquer forma, caso ela mude de opinião. Passados alguns dias mais do que uma semana, ela se comunica comigo para me dizer que quer “provar para ver que tal é” o Skype.

Na primeira sessão virtual, depois de um temor inicial (não muito diferente do que costuma acompanhar uma primeira sessão no divã, em um paciente que não está familiarizado com o dispositivo analítico), comenta que ficou pensando no que conversou com uma amiga muito próxima. Sua amiga também faz análise e também recebeu do seu analista, há poucos dias, a oferta de utilizar Skype. Sua perturbação foi tamanha que se comunicou imediatamente com minha paciente: entre as duas jovens se precipitou um intercâmbio que permitiu que X colocasse em palavras alguns dos motivos da sua recusa inicial.

A questão, para ambas, girava em torno da escolha do lugar da casa onde instalariam a câmara. Como fazer para que não delatasse intimidades que poderiam ser facilmente registradas pelo olho experiente de um analista? Exporiam-se ao descontrolo daquilo que supunham até o momento, com sua onipotência, poder controlar: a oferta regulada da “info” que proporcionavam, metodicamente, aos respectivos analistas.

Não demorou a aparecer, nessa mesma primeira sessão virtual, o complemento dessa fantasia paranoide. A pequena câmara indiscreta não poderia, por sua vez, colocá-las em contato com intimidades do analista: particularidades e estilos da sua casa, do seu rosto captado em primeiro plano ou irrupções eventuais de vozes de integrantes da sua família? Fica claro que a novidade e as particularidades do dispositivo permitiram levar a um primeiro plano do cenário transferencial a curiosidade despertada pela pessoa do analista, até esse momento reprimida e mantida sob controle no âmbito do *setting* presencial.

O segundo recorte corresponde a Z, uma paciente de meia idade que está em análise comigo há quase dois anos. Trata-se, na verdade, de uma reanálise: Z se refere, nas suas primeiras entrevistas, a uma primeira experiência razoavelmente bem-sucedida com uma colega falecida há cerca de quatro anos, depois de haver passado outros tantos desde a interrupção, por consenso, do tratamento com ela, que valoriza devido aos seus efeitos.

Diferentemente de X, Z aceita sem dificuldades a oferta de continuar a trabalhar por Skype. De fato, já havíamos tido algumas sessões por esse meio, no decorrer de uma viagem em que ela estava particularmente angustiada pelo encontro com seu irmão mais novo (L), que mora no exterior e com quem mantém uma relação conflituosa. Mas, além disso, mostra-se muito interessada em continuar seu trabalho de análise: está atravessando a quarentena com seu marido e (o que para ela é particularmente tenso) com sua sogra, alojada agora na sua casa diante de dificuldades que apareceram com a empregada que habitualmente a acompanha.

Decidimos manter a mesma frequência e os mesmos horários em que ela vinha ao meu consultório. Pela minha perspectiva, não registro diferenças na espessura do trabalho analítico que mantemos por Skype. Z continua a associar e a trazer sonhos como vinha fazendo no meu consultório; o trabalho com um deles traz à luz a recordação de jogos eróticos com L quando ambos tinham oito e cinco anos, respectivamente. Em várias oportunidades, na hora da *siesta*, L passava para a sua cama: começavam a se acariciar e, às vezes, ela chegava a um orgasmo. O irmão mais velho, pré-adolescente, perguntava inquieto, do quarto ao lado, “o que estávamos fazendo”.

Z se surpreende por estar relatando essas recordações: não é que tivesse se esquecido delas, mas nunca havia falado disso, nem na sua primeira análise nem durante o tempo de trabalho que registra comigo. “Não sei por que agora sim... Mas, pensando bem..., é provável que tenha tido coragem porque estamos por Skype. Acho que na sua presença eu teria tido mais vergonha.”

Para mim, é uma observação rica para ser compartilhada. Isso nos permite apreciar a outra face dos tão lamentados déficits das sessões virtuais: a ausência do “corpo a corpo” e de todos os registros que acompanham essa interação (o aperto de mãos do analista, sua calidez ou frieza, seu aroma...), fatos todos, fica claro, que compõem as particularidades do encontro presencial.

No entanto, teríamos que considerar também o efeito de vergonha que pode induzir a “presença real” (Lacan, 1960-1961/2003) do Outro. Sua ausência no encontro virtual pode propiciar um enfraquecimento dos efeitos inibidores da vergonha que, em alguns analisantes, contribua por outras vias para “desamarrar a palavra”: uma bela expressão com que Lacan (1954-1955/1981) contempla a facilitação da associação livre que, em condições habituais, é promovida pelo uso do divã.

São muitos os especialistas a deduzir que o coronavírus chegou para ficar... com uma humanidade - esperamos - convenientemente imunizada. É de esperar que uma maior conceitualização das mudanças que estamos introduzindo no nosso *setting* enriqueça nossa caixa de ferramentas e nos ofereça uma imunidade maior frente à sempre presente tentação *estandardizante*.

## Resumo

O artigo aborda os efeitos induzidos pelo isolamento preventivo e obrigatório, e utiliza como analogia a estranheza que caracteriza a vivência adolescente. Contrapõe as resistências que, nestes anos, o uso de meios virtuais suscitou em muitos colegas, com a generalização do seu uso nas atuais circunstâncias. Será que é porque “a necessidade faz o sapo pular” ou porque vai ganhando espaço a convicção de que

a eficácia da nossa prática não está amarrada à fidelidade a um modelo excludente de *setting*? Abordo dois recortes clínicos para avaliar os novos dispositivos, não tanto em termos dos seus déficits em relação ao dispositivo clássico, senão que com o objetivo de destacar o que sua especificidade habilita.

**Palavra-chave:** *Enquadre psicanalítico*. **Candidatas a palavras-chave:** *Modelo ótico, Estranheza, Standards*.

## Abstract

The article approaches the effects that preventive and compulsory isolation induces, using as an analogy the strangeness that characterizes the adolescent experience. The resistance that the use of virtual media has raised in many colleagues in recent years is contrasted to the generalization of its use in the current circumstances. The author wonders whether this is a question of what Quevedo formulated as “necessity has a heretic face”, or of the fact that the conviction that the effectiveness of the analytical practice is not tied to fidelity to an exclusive model of setting is gradually making way. Two clinical vignettes are introduced to address the new devices not so much in terms of their deficits compared to the classic device, but aiming to highlight what their specificity enables.

**Keyword:** *Psychoanalytic setting*. **Candidates to keywords:** *Optical model, Strangeness, Standards*.

## Referências

- Aristóteles (trad. em 2004). *Metafísica: Libro 3*. Madri: Gredos. (Obra do século IV a. C).
- Cabral, A. C. (2020). *Formas extremas de padecimento psíquico na infância e adolescência hoje*. (Inédito).
- Ferenczi, S. (1984). La elasticidad de la técnica analítica. Em F. J. Aguirre (trad.), *Obras completas* (vol. 4). Madri: Espasa Calpe. (Trabalho original publicado em 1928).
- Lacan, J. (2009). Observaciones sobre el informe de Daniel Lagache: “Psicoanálisis y estructura de la personalidad”. Em T. Segovia (trad.), *Escritos 2* (vol. 2, pp. 617-654). México: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1981). *El seminario de Jacques Lacan, libro 1: Los escritos técnicos de Freud*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1954-1955).
- Lacan, J. (2003). *El seminario de Jacques Lacan, libro 8: La transferencia*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1960-1961).
- Nietzsche, F. (2010). *Así hablaba Zaratustra*. Buenos Aires: Época. (Trabalho original publicado em 1881).

